

Exodo das cifras.

(Tradução de conferencia no Wissenschaftszentrum Düsseldorf 20/6/91)

Para a Revista Brasileira de Filosofia

O que caracteriza o alfabeto é que seus signos significam fonemas. Quem usa letras deve passar por uma língua falada para codificar a informação por ele entendida. O fato que nos textos alfabéticos há interposição de língua falada entre escritor e texto marca toda civilização alfabetizada. No entanto, alfabetos não são códigos puros. Sempre contêm signos que significam conjuntos: cifras. Antigamente o mesmo signo podia significar simultaneamente fonema e conjunto, mas recentemente os signos de conjuntos são os números ditos árabes. De maneira que o código deverá ser chamado "alfanumérico".

A partir do século 15 ia se tornando sempre mais evidente que cifras são mais bem adequadas que letras para a codificação de conhecimentos relativos aos fenômenos da natureza. Que a natureza é indescriptível, mas calculável. A razão disto é dupla. Os conceitos significados por palavras são menos bem denotados que os conjuntos significados por cifras. E a estrutura das línguas flexionais é ~~menos~~ bem modulável que a estrutura dos algoritmos. A segunda razão exige comentário, embora breve:

As línguas flexionais (grosso modo as indogermânicas e hamito-seníticas) formam proposições ao predicar a partir de sujeitos. As palavras se adaptam à proposição segundo sua função: "flexionam". Isto é estrutura relativamente rígida, regida por regras "gramaticais" relativamente bem codificadas. Algoritmos são formados segundo regras "auto-generativas": evoluem segundo as necessidades do conhecimento. Eis porque conhecimentos articulados matematicamente são dificilmente transcodificáveis em palavras, sem que o conhecimento seja deturpado. Eis porque continua sendo duvidoso se as regras da matemática (a estrutura do código numérico) são reduzíveis às regras da lógica (a estrutura fundante das línguas flexionais significadas pelas letras).

A começar pelo Renascimento os cientistas e técnicos recorriam sempre mais à cifras e sempre menos a letras. Isto resultou nas teorias modernas do conhecimento, exemplificadas pela cartesiana. Conhecimento seria adequação do código numérico à natureza, da "coisa pensante" à "coisa extensa". A "coisa pensante" era imaginada enquanto "percepção clara e distinta", isto é enquanto estrutura de algoritmos. As cifras são "claras" por unívocas, e "distintas" por separadas da predecessora e sucessora por intervalo. E a natureza era imaginada enquanto conjunto compacto (concreto) de pontos. Ora: se "conhecimento" é adequação de aritmética à geometria, (adaequatio intellectus ad rem), a geometria analítica passa a método de conhecimento. Trata-se de rotular todos os pontos com uma (ou três) cifras, e quando todos os pontos forem rotulados, o conhecimento será total, e seremos onipotentes.

O problema aí é duplo: (1) há numerosos pontos a serem rotulados (possivelmente infinitamente muitos), e a duração provável do universo é limitada; e (2) a aritmética clara e distinta está furada pelos intervalos entre as cifras, e por entre os intervalos escapam os pontos. O segundo problema foi resolvido

por Leibniz e Newton: taparam os furos com cifras mais "altas", integraram os diferenciais, e tornaram a aritmética adequada à processos. Quanto ao primeiro problema, aparentemente os ~~xxxxxxx~~ pontos da natureza são menos numerosos, e a questão é de rotulá-los rapidamente. A onisciência e onipotência são, segundo a visão oitocentista, ao alcance do progresso. Mas à um preço: o código das cifras se ia tornando sempre mais complexo, e sua manipulação ia exigindo iniciação sempre mais laboriosa. O código das cifras ia se tornando de mais em mais hermético e elitista.

Isto avoca situação passada: quando o alfabeto foi inventado (há 3.500 anos) era código elitista. Reservado sobretudo a sacerdotes para codificarem mandamentos a modelarem (governarem) o comportamento da massa iletrada. No decorrer da antiguidade e da idade média os verdadeiros detentores do poder eram os letrados, já que foram eles a codificarem as leis, os decretos e os demais valores que orientavam a sociedade (inclusive os que dispunham de espadas e portanto de poder aparente). A famosa sentença de Carlos Magno "ego Imperator Romanorum supra grammaticos sto" articula bem a consciência surda do poder militar que está sendo manipulado pelos letrados (a Igreja). Mais tarde, por certo, o código de letras se ia tornando menos hermético graças à invenção da imprensa e a introdução da escola obrigatória, mas o efeito disto era limitado. Porque simultaneamente o código das cifras ia emigrando do alfanumérico, e se estabelecendo em código hermético e elitista. No final do século 19 a situação original era restabelecida: os verdadeiros detentores do poder são os iniciados no código das cifras e dos computadores (decorrentes das cifras), e são eles que codificam os modelos de comportamento e os modos de usar que governam o comportamento da sociedade secundariamente iletrada (inclusive o comportamento dos detentores do poder aparente como sendo os políticos, industriais e militares). Tais ^{dos} iletrados de segundo grau não podem decifrar os modelos que os regem, e se tomam por decisores por ignorância.

No final do século 19 a onisciência e onipotência pareciam ao alcance, sobretudo porque todos os processos (inclusive os culturais, ditos "humanísticos") pareciam formuláveis em algoritmos. Parecia que os fenômenos culturais eram acessíveis ao mesmo método "duro" dos naturais, isto é: calculáveis; parecia que qualidades eram quantificáveis. Mas persistia o problema da duração envolvida no cálculo: os pontos eram numerosos demais para serem todos rotulados. A primeira metade do século 20 enfrentou a segunda aporia: todos processos são formuláveis em algoritmos (conhecíveis), mas nos problemas mais interessantes tal conhecimento se revelou inoperante (inaplicável), pela duração excessiva da rotulação de pontos. Há pois conhecimento inócuo, que não leva ao "poder", conhecimento "desprezível". Tal desprezo do conhecimento e da razão resultou em bestialidade irracional do tipo fascismo e nazismo. Mas resultou também na invenção de máquinas calculadoras rápidas, destinada a abreviar a duração da rotulação dos pontos: computadores.

Por certo: tais máquinas não nos tornam onipotentes. Embora resolvam problemas antes insolúveis, outros permanecem incalculáveis- Mas tais calculadoras se revelara surpreendentes em dois aspectos. (1) Calculam tão rapidamente, que dispensam os métodos refinados precedentes e contentam-se com a adição de unidades.

(2)

(2) Não apenas calculam (analisam processos em pontos), mas igualmente computam (sintetizam pontos em linhas, superfícies, volumes e volumes em movimento).

(1) O código de cifras se simplificou radicalmente com a introdução dos computadores. Mas isto reforçou paradoxalmente o poder dos iniciados ao código em vez de enfraquecê-lo. Porque os códigos dos computadores permitem calcular o exercício do poder (por exemplo calculam decisões em decidemas e jogam xadrez, ou calculam previsões e projetos, por exemplo cenários de guerras). Os iniciados nos códigos de computadores exercem as funções do poder por intermédio das ditas "inteligências artificiais" mais efetivamente que os tecnocratas precedentes.

(2) Computadores podem recompor os processos em linhas, às superfícies os volumes e os volumes móveis que calcularam. E podem recompo-los em formas diferentes das que calcularam. Podem computar mundos alternativos. Embora isto não seja onipotência, parece-se com ela. E estamos ainda longe de termos digerido tal segunda surpresa.

A ignorância da massa (sobretudo a dos políticos, e demais decisores aparentes) começa a dissipar-se. O poder decisório dos manipuladores dos códigos de computadores começa a tornar-se palpável. A recente guerra do Golfo, com os cenários precedentes que a transformaram em "jogo computado", com as suas simulações de batalhas e de combatentes, e com a impossibilidade de distinguir-se entre objetos reais e virtuais, funcionou como reveladora. A morte do letrado (da política) e a emergência dos cifrados se tornou palpável. O alfabeto, desvalorizado pela inflação de impressos, e tornado impotente pela inadequação das letras ao conhecimento, vai cedendo seu lugar às cifras. A massa está recaindo do nível das letras para o das imagens controladas pelas cifras (numéricamente generadas). Nova forma de sociedade, e nova forma de consciência, estão emergindo graças ao abandono do código alfanumérico pelas cifras. Pós-história é isto. E o que acaba de ser dito não é prognóstico: é diagnóstico um tanto desesperado.